

Sensações Cotidianas. Primeira Antologia de Samuel SanCastro

Samuel SanCastro

Apresentado por

Meu Lado Poético 



Dedicatã³ria

Ofereço esta singela obra às minhas filhas, Alice e Elisa, que são minhas fontes de inspiração, minha sensibilidade e o motivo da minha escrita. E, como diria o grande Mário Quintana, um poeta escreve para não se matar. Assim, sigo escrevendo afim de continuar respirando e poder vê-las um dia mais.

Agradecimentos

A Deus, que não desiste de me amar e por sua infinita misericórdia não me deixa entregue à danação em vida, posto que me tem preservado, bem como me guardará Nele para a existência no porvir.

Qualquer outra coisa além disso é mera ilusão da filosofia humana. E é por isso que sou poeta, para brincar com a percepção daquilo que agora está mas se esvanece.

Assim, vou vivendo e tento todos os dias manter a fé e a gratidão para tornar essa febril passagem pelo planeta Terra, uma aventura épica, digna de ser lembrada por quem vier depois de mim.

Sobre o autor

Pai de duas princesas, psicanalista, teólogo, professor, músico, compositor e por consequência do todo; poeta. Amante da sétima arte, apreciador da cultura clássica à cultura pop, saudosos de uma época em que a sociedade era menos líquida e mais sólida, mas nem por isso um saudosista.

Um curioso com alma de criança e personalidade sonhadora.

resumo

Relógio insone

O Tempo, a Vida e o Amor

Criado

Fonética

Vem comigo para Snívat'

Na bagagem de quem volta (Porto Alegre)

Cínico

Fada

Como pode?

Intenso

Mulher

Pobre Narciso

Rei Trapo

Amor verdadeiro

Onomatopeias

Tanto faz

Sorrisos amarelos

Ânsia

Antídoto

Escrevo, Logo Existo

Gosto de Gente Passional

Simples assim

Perspectiva

Aqui com meus botões

Teimosia Supérflua

Senhor de la Mancha

Olhos Sôfregos

Casmurro

Poeta Urbano

Quimera

Uma Dobra no Tempo

Quintal

Pedante

Delírio

Malabares

Forasteiro

Paixão Noturna

Vidas passadas

Irmão

Segunda

Sala de espera

Hospital

Quintanênciã

Domingo

Passou da Hora

Indecisão

Tempo

Por quê?

Ó - ci - o

Cachos de Saturno

Aquário

Torrentes

Liquefeita

Estrada

Dia da poesia

Desejo

Cinzas

Olhar nipônico

Seis braços

Vaga-lume

Desencontros

Queria dar-te, bom dia

Fotografia

Exagerado

O quanto, o quando, o pranto.

Abstrato

Castanho

Agonia

Sobre poetas e transgressores

Buraco Negro

Estrela Guia

Se foi

Chorriso

Mais que ontem

Casaco Fingido

Rendido

Abstinência

Uma Hora

Relógio insone

Ouçõ os passos bem cravados do maestro implacável
Ecoando pelo quarto que me engole insaciável
Tão solene o soldado insone me lembrando que nada o pode parar
Arranco as pilhas do velho imponente que não para de encarar
Ele sorri sereno e incólume
Paraste apenas os meus ponteiros, mas a alvorada inda reclama o seu lugar.

O Tempo, a Vida e o Amor

Três grandes presentes nos deixou o Eterno Senhor
O primeiro é o tempo, o segundo, a vida, mas o melhor deles é o amor

O Absoluto das eras, Arquiteto do cosmos, o Soberano das dimensões
Nos presenteou com a finitude regida por dias, meses, anos e estações

E embora o tempo seja tão implacável, é também bondoso como um senhorzinho bonachão
Que nos cobra responsabilidade como um pai zeloso e nos ensina todos os dias, nos guiando pela mão

A vida engendra a teia e a cama de tudo o que é possível
Ela enche os nossos pulmões de ar e como mãe carinhosa e caridosa
Deixando que o filho sinta, experimente, conquiste e decepcione, trilhando os caminhos que quiser trilhar

Mas, para colorir tudo em volta com arte, conferiu-nos a tinta em sujeição
Tinta esta, tão distinta, é o vínculo da perfeição
Dá leveza ao tempo e sentido à vida, colorida de poema, tragédia e canção
Quando enfim nos assina a obra na caligrafia do amor
Nos garante valor o majestoso poeta, o sublime pintor

Tais presentes, no entanto, imprevisíveis e efêmeros jamais devem ser desperdiçados
Pelo contrário, se faz necessário, sejam sempre levados à sério
Portanto, aproveite o tempo e curta a vida; dedique-se àquilo que é etéreo

E, se como diz a Bíblia, nossa vida é como neblina que agora está, mas breve se dissipa
Ame hoje, perdoe agora, arrisque a tempo, invista sem demora
Pratique, aprenda, ensine, sorria
Porque o que agora é, logo logo se termina

Assim, desfrute o tempo
Propague o amor
Viva a vida!

Criado

E quanto ao que não foi vivido
Guardo na gaveta de cartas e bilhetes
Daquele velho criado falante
Que me trás a tona os luxos que não posso pagar

Assim é a esperança dos covardes
Que jamais purgam suas culpas de nunca, nunca tentar.
Agora aquele criado parece emudecer,
Engole o choro e prende o riso

Com ar de fidalguia e cara de burguês,
Ao lado da escrivanhinha imagina o que poderia ter sido.
Pobre criado, está onde queria estar

Seus pés e pernas riscaram o chão do quarto
Deixaram marcas de um casmurro incólume
Que não ousou ser mais que criado, foi só mobília vendo a vida passar.

Fonética

Fazer florir o dia de um fulano é fácil, mas facultado aos fortes

Fulgazes fanfarrões, fustigam os fracos, forjando fortaleza

Fissura, fulgura, fartura, fetiche

Fia o tempo e favoverce o flerte

Fomenta o fogo, fazendo-nos felizes

Factual é a falta que fazes, o resto não passa de fonética...

Vem comigo para Snívat'

Ai, que inveja de Manoel Bandeira, que tinha escolha verdadeira
De, na hora derradeira, ir-se embora pra Pasárgada
Dizem que era sujeito influente e até mesmo amigo do rei
Se foi-se embora algum dia, até hoje eu não sei

Só sei que era poeta e que essa gente é muito louca
Como uma tal de Lúcia Pevensie que entrou num guarda-roupa
E numa terra encantada, como rainha foi viver
Também queria ir pra Nárnia e desse mundo me esquecer

Como Alice através do espelho ou correndo atrás do coelho
Eu tomaria a pílula vermelha e seguiria o senhor Morpheus
Por que esse mundo é muito chato e fui só eu quem percebeu

Ai, que inveja do poeta que se exilou em sua própria escrita
Vou fazer a mesma coisa; criar uma Terra somente minha
Vou-me embora, meu amor, vem comigo para Snívat'.

Na bagagem de quem volta (Porto Alegre)

Na bagagem de quem volta sempre há mais que se precisa
Tu me indagas rancorosa, magoada e insisiva
Por onde estive, a quem mais amei
Se deitado em outros braços, cruzamentos e vielas

Outras orlas me encantaram, outros lagos ou favelas
Mas, no peito amantíssimo, trago a saudade de quem ama
Enquanto os chatos regressam a ti
Recordo Veríssimo, me faço Quintana

Na bagagem de quem volta sempre há mais que se precisa
Em tuas lágrimas tristonhas afojo o excesso do caminho
Torno a ti despido e pródigo como alguém que anda sozinho

Por onde andei, a quem mais amei?
Tudo isso, te rogo em prece: Esquece, vida que segue!
Estou de volta à Porto Alegre.

Cínico

Eleva o tom em suspenso

O velho piano fingido

Tentando allegro cantar

No entanto, esquecido

Dos adágios diminutos

Das fermatas e sonatas

Que em ré menor já fez tocar.

Fada

Ela sorri com os olhos de Capitú
Tem tanto medo de deixar a Terra do Nunca
Quem se atreveria a prende-la
Ela, ele, eu ou tu?

Ela bate suas asas e se projeta
Sempre para frente, sempre para cima
Ninguém há que detenha
É seu talento, sua beleza, sua sina

É ela, menina que vem e que passa
É musa, é mistério é fluidez
Há quem diga que é só guria, mas também é sensatez

Não tente segurar a fada que livre voa e sorri
Em vez disso, seja luz que atraia ela para ti
Seja Peter, seja Pan ou o que ela precisar, ontem, hoje, aqui, lá.

Como pode?

Como pode o coração da gente
de uma hora pra outra precisar de alguém
que até agora não se conhecia?
Como pode querer estar perto
Do indivíduo a pele e a flor
Sem se quer conhecer o cheiro,
a textura ou o sabor?
Como pode no peito haver planos
sem saber se vão dar certo
Se o futuro é tão incerto
como a nota do cantor!
Como pode , a minha menina, inquieta e assim ditosa,
ver tocado em verso e prosa
a cadência do coração
A menina dos meus olhos dança ao som desse tambor
Tanto pode ser compasso, como pode ser amor!

Intenso

Quero tudo, quero muito, quero alto

Sem saber se posso,

Se aguento, se alcanço

Mesmo sem saber dançar,

Me entrego ao momento, vou no balanço

A quem diga que sou cabeça oca

Só não gosto do ensoso

Abomino o meia-boca!

Mulher

Quando profissional, competente e dedicada
Quando amiga, necessária, e tão amada
Quando artista, sensível, sensacional
Quando chefe é realmente sem igual
Quando sozinha é suficiente
Quando dengosa, enlouquece a gente
Quando apaixonada, seu olhar nos fascina
Quando líder, seu conselho nos domina
Quando crente, devota e fervorosa
Quando amante, ardente e ferosa
Quando luta, aguerrida e forte
Quando nossa, meu Deus, que sorte!
Quando musa, Julieta, Dona, Ana Julia e Mona Lisa
Quando vilã, assustadora e cruel
Quando doce, mais suave que o mel
Quando mãe, carinhosa, gentil, brava e protetora
Quando esposa, maravilhosa, necessária, auxiliadora
Quando irmã, mais que demais
Quando filha, alegria de seus pais
Quando avó, inigualável
Quando tia, indispensável
Se guerreira, Joana Dark,
Quando madre, de Calcutá
Se escritora, é Agatha Christie
Se modelo, Gisele Bündchen
Quando posso, invocar-te então?
Haja o que houver, venha o que vier
O teu dia é sempre hoje, tua hora é sempre agora,
Sempre é tempo e ocasião
Acredite se quiser
Tu és tudo, tu és mulher.

Pobre Narciso

Não é competição, está bem?
Mas, queria estar melhor que meu antigo bem
Não que eu queira me ufanar
Mas quando posso, aumento meus feitos
Apenas para me fazer notar
Fico insatisfeito de imaginar
Que ela nem lembre com pesar
Daquele dia que a levei no mais incrível lugar
Me aborrece quando penso
Que nossas piadas já não serão nossas
Que feliz e satisfeita, ela rirá de outras anedotas
Não estamos competindo,
Mas, estaria mentindo se não dissesse
Quero estar feliz antes dela
Peço a Deus que a próxima seja mais bela
Como se fosse pedido que se fizesse
Pobre Narciso é o que sou
Enquanto de medo tremia
A mentir que nada sentia
Um novo rapaz a encontrou.

Rei Trapo

O rei abatido não vai mais à guerra
Seus conselhos nada valem, sua imagem é chorosa e mítica
Seu vigor nada chancela
Resta-lhe apenas o calabouço frio de memórias póstumas
Sob a ignomínia de mentecaptos
Dos energúmenos, a piedade cícínica
Que reparte suas vitórias e viola os seus despojos
Conquistas que, agora, não passam de trapos.

Amor verdadeiro

Não me lembro bem onde a vi primeiro
Recordo-me, no entanto, como foi o sentimento
Um grito preso na garganta, um murmúrio sofrimento
Pois no peito acalentava a certeza do amor verdadeiro
Admirava-te de longe querendo possuir-te um dia
Eras dele, eras dela, mas nunca, nunca minha
Te vi ingênua e atrevida, em outros lábios, entre outros dedos
Inocente qual criança, sacana como o medo
Descobri que sempre fostes em meus olhos a verdade
Desisti de conquistar-te ou fazer-te somente minha
Posto que és musa iníqua e sacra, entidade, sereia e ninfa
Dos escritores, és a letra, dos regentes, a batuta
Onipresente e abstrata, como do mar a maresia
Sempre serás amor verdadeiro, és minha amada poesia.

Onomatopeias

Tum, tum, tum, fazem os passos da menina
Que chega de mansinho coçando o narizinho
Me abraça com carinho, mas nada diz

Tic tac tic tac (...)

Uuooooouh - boceja a guria - quero chocolate bem pretinho
E também quero um pãozinho
Ah! Como essa voz me faz feliz!

Tic tac tic tac (...)

Huaaa huaaa, iihh! A menorzinha acordou!
Chic chic chic, ótimo, a mamadeira está pronta
Vou ligar o desenho, tá? Qué! Maior, para de girar, vai ficar tonta!

Tic tac tic tac (...)

Qué, dá, neném, para mana, huaaaaa ploft
O que caiu aí? Hahaha nada papai, tudo certo aqui!
Cuida da irmãzinha, tô fazendo papá pra ti!

Tic tac tic tac (...)

Penteia o cabelo, mocinha, e veste o moletom
Mas, papai, hoje não faz tanto frio assim
Faz o que eu digo, guria, e traz o babadouro da mana pra mim

Tic tac tic tac (...)

Todas vestidas, cabelos penteados, tudo arrumado
Essa não, horário apertado! A tia da escola vai reclamar
Apertam-se os cintos liga-se o motor. Papai, eu disse que tava calor!

Tic tac tic tac (...)

Agora, distante, as onomatopeias são outras
Se quero sair só escolho as minhas roupas
Mas dentro do peito a saudade corrói

Tic (...) tac (...) tic (...) tac.....

O tempo demora a passar e o coração do pai dói
Tudo que eu queria era a bagunça de todas as manhãs
Mas o tic brigou com o tac, papai sente falta dessas irmãs

Tic tac tic tac (...)

Neném qué gá papai, dá aqui o celular, a mana vai ligar
Papai atende, o vídeo é tremido, serve pra enganar a saudade
Os sons podem mudar, o que nunca muda é amor de verdade

Tic tac

Tanto faz

Trivialidades corriqueiras

Sem importância ou como queiras

Não me importo que me julgues banal

É tudo questão de opinião

Tanto faz

Se refaz

Se desfaz

Jaz em paz.

Sorrisos amarelos

Hoje me perguntaram como estou
Penso que as pessoas deveriam inventar outra forma
de fingir que se importam
Ora bolas,
Se decido ser honesto, entedio o interlocutor
Se minto e floreio as coisas, apenas represo a dor
A dor que se encarcera cedo ou tarde se arrebenta
Coração que se desnuda pode acabar censurado
O jeito é evadir
Vou levando...
O que e para onde, quem saberá?
Contento-me, por hora, com os sorrisos amarelos
Daqui e de lá.

Ânsia

Da alma indômita do general

a jactância

Aturdida alma que revela sua ânsia

Corre para o front escampado e

silencioso

Teme a paz desconfiado e,

saudoso,

Anseia pela guerra.

Antídoto

O mais vil de todos os sentimentos é o medo

É ladrão de sonhos e chacal da fé

Sequestrador das intenções e pirata de boas notícias

O mais cretino e acusador

Remói o passado, curte a dor

Joga na cara e aponta o dedo

São João apóstolo, já dizia com ardor

O antídoto contra o medo é o amor.

Escrevo, Logo Existo

Dia desses me indagaram a razão de eu ser poeta

Na ocasião permaneci calado sem saber o que dizer

Deve ser para que o coração no peito não estoure

Pois a vida nos esmaga, nos mastiga e cospe fora

O tão bem quisto, insensível, te persegue e te devora

Usado e abandonado como bituca no cinzeiro

O que resta são minhas tristonhas canetas

Aguardando um funeral

Tomara que seja o deles primeiro.

Gosto de Gente Passional

Eu gosto de gente passional
Diplomacia é coisa de chefe de estado
Amigo que é amigo tem que estar do teu lado
Se preciso for, chegar às vias de fato

Eu gosto de gente passional
Quem fica em cima do muro é concertina
Se temos amizade, cumplicidade e parceria
Nossa luta será a mesma, na tristeza ou na alegria

Eu gosto de gente passional
Posicionado como sou, tô contigo e não abro
E espero que comigo, tu também sejas assim

Bem ou mal que te fizerem também farão a mim
Lealdade pela metade é traição total
Abstenção é para os fracos, gosto de gente passional.

Simple assim

Não insisto com poemas difíceis de terminar

Simplemente deixo pra lá

São apenas frases soltas, completas em si mesmas

O que eu teria para acrescentar?

Não precisam de mim

Simple assim

Fim.

Perspectiva

O conto de vista

Do vigário o ponto

Do ponto da vírgula

Ao cais do porto

Do ponto de fuga

Perspectiva e prisma.

Aqui com meus botões

Por favor, me deixe quieto aqui com meus botões
Não é que tu não sejas persona importante e quista
Mas, minh' alma irrequieta, de silêncio necessita
Para ouvir meus devaneios e destilá-los em frissons.

Ou simplesmente me dar o prazer da solitude
Preciso disso para viver em paz comigo mesmo
Não me tenhas, por obséquio, como difícil sujeito
Apenas saiba que nutro por ti, nobilíssimo sentimento

Se não te dou acesso ao que pulula minha mente
É por saber que tontearias com minha gama de emoções
Se quiseres perscrutar-me, leia minhas poesias
De vez em quando me deixe só, aqui com meus botões.

Teimosia Supérflua

Há um grito abafado
Uma urgência dispensável
Teimosia em si supérflua
Que me faz a ti enfadonho
Tenho muito o que dizer
Sobre o que vejo, sinto e sofro
Escrever me alivia
A alma inquieta que noite e dia
Mira o mundo como em sonho
Distante e distorcido
Como um velho esquecido
A percepção as vezes é assim
Trago doutro universo
Ideias que ponho à pena
Se não servirem a ti
Quiçá sirvam a mim.

Senhor de la Mancha

Não leve a mal se imagino feito criança
Pois, que invento mundos e desenho naves
Aliás, faço isso desde a tenra infância

Prefiro ser assim, a viver sem esperança
Sonhar grande ou pequeno, o mesmo trabalho dá
Sonho grande e voo alto, o importante é sonhar

E quero perto de mim, quem entenda a doce relutância
Não me entregarei a projetos frios e sonhos cinzentos
Talvez essa seja minha maior jactância

A maior força de um indivíduo são os seus sentimentos
Quero um amor que seja, da minha tempestade, a bonança
Sou Quixote a procura do fiel Sancho Pança.

Olhos Sôfregos

Os olhos sôfregos cotidianos
Não contemplam mais beleza
Pupilas jazem dilatadas dissolvidas em tristeza
De olhos presos no horizonte parado
Olhar que não mais vê, está perdido no passado

Onde está destes olhos o brilho?
Aquele antigo fogo de berilo
Onde está aquele penetrante olhar?
Oxalá que volte a sorrir sem lábios
Oxalá que torne paixão exalar.

Casmurro

O que contemplo agora, não sei dizer ao certo
Talvez o vigor de outrora não esteja mais desperto
Oh! meu caro amigo, de pretéritos gloriosos dias
De conquistas e batalhas, dos amores, dos amigos
Teu semblante enrijecido rebuça as memórias da luta
Dos perigos enfrentados, equinócios e solstícios
Sobejaram sulcos fundos, como arautos na face hirsuta
Um arfado longo e grave, piscar de pálpebras moroso
Quem poderia, esperançoso, solicitar dele conselho?
Estático, permanece o tolo,
Nostálgico e preguiçoso
Fitando inerte seu espelho.

Poeta Urbano

Escrever é mais que arte,

É necessidade

Um clamor que não se põe à parte

De dedos tagarelas e mentes inquietas

Andarilhos da cultura a perambular pela cidade.

Quimera

Noite dessas, te vi em sonho

Não mais como outrora

Quando eras deslumbrante e enigmática

E dava vontade de voltar a dormir

E ver-te novamente fantástica

Apenas te vi passar distante

Cantarolando algo que esqueci

Aliás, quase me esqueço de dizer

Que faço força pra lembrar

De sempre te esquecer.

Uma Dobra no Tempo

Adoraria ter uma boa conversa
Com o meu "eu" mais novo
Diria a ele: "calma, vai sem pressa!"
"Você é talentoso, não fique nervoso, moço!"

Faria de tudo para que ele percebesse...
Tem gente que não merece o seu interesse
Há lutas que não valem à pena serem disputadas
E projetos que não deveriam ser engavetados

Talvez ele acreditasse em seu "eu" mais experiente
Ou talvez se quedasse deveras irritado
A pensar que eu quisesse meter em sua vida, o bedelho

Que nem adiantaria dar, ao rapazote, conselho
Muitas vezes desconfiamos até mesmo da gente
Meu carro do tempo deve ter enguiçado.

Quintal

Queria tanto entrar na casa e ser mais que visitante
E assim, sem cerimônia, mudar as coisas de lugar
Comprar um enfeite novo e adornar a tua estante
Pendurar um belo quadro naquela parede vazia
Consertar o emperrado puxador do basculante
E me esticar preguiçoso, no confortável sofá
Tu me olhas, no entanto, com piedade solene
A rogar-me suplicante que não te julgue mal
Com voz de gentileza e vontade perene
Sequer me permites passar do quintal.

Pedante

Há pessoas de sandia crença
Estapafúrdios ritos
Destrambelhada devoção
Que ao final de uma conversa
Percebemos tão desvairados
Que na verdade em nada creem
Estão cegas pelo narcisismo fálico
Ostentam riquezas e nada tem
Inventam sua própria mística
Se entorpecem do umbigo-deus
Ah, mas que irritante conversa
Com este ser pedante!

Delírio

Coração masoquista
Sentimento fortuito
Paixão efêmera
Mas, que besteira!
Já?
O que fazer?
Naquela noite inesperada
Me enamorei de você
O jeito agora é esquecer
Então, também esqueça
Há amores delirantes
Como ideias impossíveis
Que só devem existir na cabeça.

Malabares

Hoje em dia tudo é tão previsível

Que a gente tem medo de escrever o que já foi dito

Pensar o que alguém já se atreveu

Onde imaginar o inimaginável é coisa impossível

Que triste época para os artistas

Em que a tarefa mais difícil não é achar agulha em palheiro

Mas uma agulha que valha à pena na caixa das agulhas chatas

Que triste época para os poetas e os compositores e todo o resto

Talvez seja propícia aos malabaristas.

Forasteiro

De quando em quando sinto um frio na barriga

Aquela sensação de quem está prestes a viajar

É uma urgência desprovida de causa

Sinto falta de outras gentes de outro lugar

Como se não pertencesse a essa época, a esse convívio

Como se fosse de um mundo distante, quiçá extinto

Talvez eu não seja realmente daqui.

Paixão Noturna

Algumas noites sonho que estou apaixonado

Por uma moça que nunca vi

Os cenário mudam e também as circunstâncias

Os atributos da amada e suas nuances

O que não muda é o sentimento

O entusiasmo com gosto de infância

O ardor da adolescência

Uma verdade que jamais senti

Sonhei com ela enamorado, solteiro, casado e só

Não sei o que significa

E se algum dia nos encontraremos

Só espero que aconteça antes de morrermos

Se demorar muito e a bela não for mais menina

Que aconteça algum dia ainda que seja avó.

Vidas passadas

Acredito em vidas passadas

De forma díspar, no entanto, aos antigos egípcios

Igualmente divergente de Kardec e seus discípulos

São projetos concluídos, amores vividos, águas passadas

Teoria e crenças que não fazem mais sentido

Do desejo esquecido, do receio dissolvido, da amizade abandonada

Momentos que significaram muito e agora representam nada

Ao olhar para frente o resto é leite derramado

Mausoléu mal assombrado

Ecos de uma vida passada

Irmão

Tua ótica pessimista
Me diverte, me irrita
Põe-me sempre pensativo
Te acho, as vezes, cansativo
Mas, de fato, me instiga
Nem que seja a provar-te que estou certo
Tua sabedoria simples e humor inerte
Cautela medrosa que sempre me adverte
Inda assim vou na frente, vou de peito aberto
Enquanto me censuras o flerte incerto
Teu derrotismo me inspira
Meu otimismo te provoca
E assim seguimos em vitória e derrota
Desde sempre estivemos unidos
Batman e Robin, super amigos
Vou de piano e tu vais de violão
Uma boa dupla, irmão e irmão.

Segunda

Ela chega sempre na hora exata

Austera, hirta, umas vezes indesejada

Vem como Níqué, alada e bela

Proclamando vitória aos homens

Como pregoeira do que pode vir a ser

Majestosa e terrível como só ela

Abúlica a quem horror lhe possa ter

Olvidada do que já foi, ela nasce muda

Almejava ser a primogênita,

Mas o primeiro é solene e nostálgico

Dentre as feiras é a primeira; da semana é a segunda.

Sala de espera

Sentou-se do meu lado o tal sujeito
Dessas pessoas que arfam para se sentar
Contou-me uma anedota trivial
Sobre alguma coisa banal
Ri,
Era o que o homenzinho precisava...!
Para dizer tudo o que pensava
Sobre política, sobre a vida é até escatologia
E eu que não queria conversar
Balançava a cabeça com dissimulada reverência
A fingir que de fato atentava para o que ele estava a falar
O assunto divagava sem qualquer conexão
Sobre as decisões da presidência,
A cunhada de sua vizinha e a divina providência
Tudo o que eu queria era sair dali
E assim, sem cerimônia, levantei-me e saí
Sem inventar qualquer desculpa
Fiz apenas aquela cara de urgência
De quem tem que tirar o pai da força
Quem sabe outro dia, com outra paciência
Eu escute com resiliência
E ainda consiga Quintanear
Sobre como essa vida é louca.

Hospital

É tudo branco, mas nada celestial

O silêncio é solene e os olhares atônitos

Ansiosos os pacientes

No corredor do hospital.

Quintanência

Poesia não se faz apenas de boas rimas
Como o poeta não é somente terno
O tornado e o caos são terrivelmente belos
Tal como alma destilada em entranhados afetos

O caminho à pena dos majestosos poetas
Não é trilha que se navega de bússola e mapa
Ninguém ladrilhou nem marcou com pedras
Posto que errantes são os passos da pura intuição

É orquestra regida pela batuta arritmica do coração
Um sussurro que ecoa qual discurso em pórtico vazio
Como chuva maravilhosa que penetra em chão de estio

O poeta, tem em si, uma vertigem, uma quintessência
Os jovens chamam de *insight*, os conservadores de inspiração
Descobri dentro do peito minha vera Quintanência.

Domingo

Se domingo fosse uma pessoa
Seria um velho nostálgico
Saudoso de uma época bela
Bonito e modesto, como quermesse de vila
De uma felicidade disfarçada
Qual namoradeira na janela
Um velho bipolar, ora choroso, ora bacana
Ranzinza e garboso, faceiro, tristonho
A reclamar de dor nos joelhos
O primogênito da semana
Com seu velho casaco vermelho.

Passou da Hora

Tem hora que já passou da hora de dizer adeus
Memórias profusas, difusas de versos que ninguém mais leu
Em desconformidade com a realidade entre você e eu

Nesse dezembro incomum
Eu finjo que não sinto frio
Eu pego a estrada pro sul
Talvez o futuro seja mais gentil

Chegou a hora de ser feliz
Estou indo embora, não chore agora
Vai ser melhor assim
Porque eu não posso perder a hora de recomeçar
Você vai entender e vai se acostumar

Te vejo em meu espelho à contramão
O mesmo que me diz que é o fim
Meus pneus deixam marcas no teu chão
Espero que sorria ao se lembrar de mim

Tem hora que já passou da hora de ser feliz

Indecisão

A indecisão é uma péssima companhia
Presença imaginária embaixadora da agonia
Cria milhares de variáveis pelo prazer mórbido
De tudo rabiscar
Inventa futuros míticos e passados lendários
Te devora na madrugada como o monstro do armário
Até que finalmente descubras, então
Que estivestes o tempo todo sozinho
Num monólogo de louco
Somente tu é a bifurcação
O sim e o não.

Tempo

Será que um dia, a gente acha todo aquele tempo perdido?

Quiçá o tempo na ante-sala do dentista inda nos seja restituído.

Aquele tempinho que precisava para terminar de ler aquela matéria interessante, naquela revista velha, que nos foi roubado quando nosso nome foi chamado.

Quem sabe aquele tempo que desperdiçamos fazendo alguma coisa tão inútil, tão maçante.

Aquele tempo orgulhoso e estúpido em que o "eu te amo" foi represado na garganta quando deveríamos ter gritado.

Ou aquele tempo que fugimos de admitir que de fato estávamos apaixonados.

Dizem que no fim da vida, qualquer tempo faz diferença.

Não quero mais passar tanto tempo sentindo falta da tua presença.

Melhor é aproveitar o tempo que ainda me resta.

Enquanto espero que sobre nós, tu sejas honesta.

Por quê?

Por que fostes embora e me deixaste aqui cheio de porquês?

Porque o dia ficou cinzento sem tuas irritantes anedotas!

Um dia inda te encontro do outro lado do rio.

E mesmo antes de te abraçar, te direi uns despautérios.

Por que fostes me deixar?

Sei que que não é tua culpa, nossa vida está sempre por um fio.

Me faça um favor,

Quando encontrares o Pai de todos, o Grande Arquiteto,

Não pergunte nada, deixe os porquês comigo.

Ele há de ser paciente e benigno.

Sei que Ele entende minha ansiedade de ser finito.

Então aproveita a estadia e espere, porque ainda estarei contigo.

Ó - ci - o

Quatro letras bem econômicas.

O "o" com acento agudo que já chega qual bocejo.

E o casal, "c" e "i" que parecem silêncio exigir.

Por fim, o último "o", quase não pronunciado,

Como suspiro que sucede o apertar dos olhos sonolentos.

Assim, o ócio parece nem se importar com o próprio significado.

Cachos de Saturno

São como argolas de ouro entrelaçadas

E o desejo de alcançá-las.

Naquelas curvas me perder.

De mergulhar no círculo castanho,

Profundo, belo, revolto noturno.

De olhos que sorriem, malandros

Por trás dos cachos misteriosos,

Os anéis de Saturno.

Aquário

E se as cores forem mentiras?

Se na verdade, os dautônicos estiverem corretos?

E se nada do que acreditas esteja certo?

Se a verdadeira música seja a dos disfônicos?

Ela se recusa ver o que todo mundo vê!

O que te parece estranho, é o que para ela tem mercê.

Insosa são as qualidades, para a menina que diferente lê.

A visão pode parecer turva,

Depende das águas em que se nada.

Se peixe em teu aquario,

Eu digo tudo, tu dizes: Nada.

Torrentes

Eu achei que seria diferente,

Que daria tudo certo pra gente.

Pensei que meu navio sempre atracaria em teu cais.

Mas, as águas revoltosas não me deixam voltar mais.

Teus recifes e corais se multiplicaram de repente.

Não somos diferentes dos nossos pais.

Na verdade, herdamos os mesmos "ais"

Te peço que não guardes contra mim, rancor.

Posto que ainda, nutro por ti, amor.

Sim, um amor diferente, mas, amor.

Afinal, as vezes mal consigo organizar minha mente.

Remontando, rabiscando, para entender o que deu errado.

Mas, que errado o quê? Deu foi muito certo, só que por um tempo.

É preciso seguir em frente, acreditar de novo, flutuar por novas torrentes.

Liquefeita

Se te derreteres, que eu seja recipiente

Para amparar teus fluidos,

Para provar teus sucos,

Pra destilar tua mente.

Mas n?o te derretas agora, querida!

Pois, a tarde inda ? menina.

E te quero inteira e plena.

Qual poeta de pena à mão.

Quero ver-te dissolver.

Em momento oportuno.

Em meus bra?os, em meus l?bios.

De amor, desejo e paix?o.

Estrada

Teus signos e tuas listras correm por debaixo dos meus pés.
Fria e estática, permaneces apática à minha emoção.
Enquanto o céu, goteja lágrimas torrentes.
Pra lavar tua face pálida e indiferente.
Dos transeuntes a direção.
Meu olhar mareado compreende tua apatia.
Posto que és imparcial a quem chore e a que sorria.
E se, hoje, percorro tuas milhas, tristonho e choroso.
Inda voltarei a ti, para rever o meu amor.
Feliz e jubiloso.

Dia da poesia

Quem seria eu, na terra dos vivos?
Que escrevesse recorrente, suas belezas?
Quem seria eu, neste ano de nosso Senhor...
Que pudesse traduzir a vida, a alegria, tristeza ou dor?
Quem seria eu, para que neste dia, nesta era,
Pudesse assumir sem vergonha na cara, que sou poeta?
Que poeta o quê? Perguntam os críticos.
Eu sou apenas eu mesmo e estes versos, meus filhos.
Por favor, não zombes de mim, afinal.
Sou mais um, nos últimos lugares da fila dos imortais.
Declamando minhas pobres rimas neste dia especial.

Desejo

Ah! Essa vontade de estar perto e jamais dizer adeus.

Inebriante, entorpecente, é a gula pelo beijo teu.

Qual só conheço no desejo.

Que se destila em minha mente.

Inda salivo o que não vi.

Da língua tua que não senti.

Do abraço afago, dos braços teus.

Do peito aberto que seja meu.

Cinzas

Fim de tarde cinza.
Quem sabe onde fostes parar?
E por quê pararias?
Eu sinto muito, ainda que não sintas.
O suspiro é profundo.
Os olhos castanhos.
Carentes da luz fria que me deixou.
Dos teus olhos arregalados.
Daquele poço esverdeado
Da vida cinza que aqui restou.

Olhar nipônico

Detrás do castanho das janelas amendoadas.
Vi a moça pequena irradiar alegria.
De sorriso pleno e passos decididos.
Olhinhos puxados que me fizeram rendido.
Como alguém que sabe ser inútil lutar.
Não há como vencer.
Seus cabelos negros me roubaram o ar.
Sou cativo do desejo.
De destilar o teu prazer.
Que o destino sádico e irônico.
Me fez refém do teu olhar nipônico.

Seis braços

Quatro braços de um abraço.
Que ainda lembram destes laços.
Dos meus dois, mais longos, e fortes.
Do infortúnio, da triste sorte!
Dessa vida sem vocês.

Vaga-lume

A vida e suas vagas.

Vastas águas.

Ondas fortes.

Tentam sempre devastar-te.

Mas, que vagas te alcançam,

Tu que voas sobre elas?

Não só voas, como, brilhas.

Voa alto e brilha forte.

Sobre as vagas, vaga-lume.

Desencontros

O que eu teria feito e o que terias dito?
Qual teria sido o gosto do olhar desempedido?
Estrelas fortuitas do desencontro, do acaso.
Quisera ter te visto antes do atônito ocaso.
Novamente teu sorriso, me encanta e entristece.
Será que um dia esqueço tudo e atravesso o mar revolto?
Com meus raios espalmados, em meu pescoço te envolver.
Enquanto o sol e a lua não puderem se beijar,
Me quedarei aqui saudoso.
Sonhando um dia te encontrar.

Queria dar-te, bom dia

Quis desejar-te, bom dia.
Que tuas horas fossem plenas de alegria.
E tua tarde esbanjasse melodia.
Invés disso, te vi atônita e fria.
A executar e triste sinfonia.
De alguém que não mais sentia,
O amor que outrora, por mim, nutria.
[...] Queria, ah, como queria!
Tua raiva, tua lascívia, tua doce companhia.
Tudo que, agora, vem de ti é a insossa apatia.
Sobraram teus cabelos no meu ralo, em minha pia.
Espero, apenas, que te lembres que já fostes minha guria.
E quando disso, te lembrares, espero que sorria!

Fotografia

A melhor foto é aquela que registramos na mente.
São momentos eternos de luz e sombra.
De olhar poético, ângulo musical.
Coisas que marcaram pra sempre o coração da gente.

Exagerado

Todo excesso é, de fato, prejudicial.

Experimente exagerar no sal.

A muita luz pode nos ofuscar a visão.

Se por mim, dentro do peito, carregas verdadeiro amor.

Alguma vez, aqui e ali, terás de me dizer, não.

Contenha-me dos meus excessos, pelo amor de nosso Senhor!

Que sou assim exagerado e preciso de dosador.

O quanto, o quando, o pranto.

Estás longe, mas nem tanto
O quanto, o quando, o pranto
Quero romper essa barreira
Essa distância, essa besteira
Não me reproves por querer-te
Sim, em meus braços mesmo que apenas uma vez
Ou talvez duas ou quem sabe, três...
Mil

Abstrato

Me desfaço destes traços.
Com os quais me tens pintado.
Sei que não sou flor que se cheire.
Não há quem me redesenhe.
Tuas canetas amadoras,
Não me podem esboçar.
Sou muito mais que teus pinceis.
Ninguém me pode aquarelar.

Castanho

Castanho e cinza.

Saudoso, ranzinza.

Meus dois poços fundos.

Marrons lacrimogantes.

Daquele velho semblante.

De tom pastel desse meu mundo.

Agonia

Há um rufar de tambores aqui dentro.
Agonia perene que quase mete medo.
Quase, pois a sagacidade me faz saber.
Que qualque dia eu dou um jeito.
De te arrancar do pensamento.

Sobre poetas e transgressores

Nós, poetas, somos mesmo loucos.

De Quintanas ensandecidos, malucos Veríssimos, de Jobim's e Belchior's.

A poesia é sacra, é profana, inocente e transgressora.

Doce, envolvente, atrevida, insolente, solene e avassaladora.

Assim, que hoje tu descubras, que a loucura poética de bem viver...

É como mandar o dedo do meio pro mundo inteiro.

Gritando bem alto:

Vá se foder!

Buraco Negro

Poucos metros me separam de ti
Somente alguns passos do teu sorriso afago

Das juras bobas que me fariam sorrir

Do abrigo certo escondido em teus braços

Einstein estava absolutamente certo

Sobre a relatividade do tempo/espço

Nestes poucos metros há um universo

Um buraco negro, um embaraço.

Estrela Guia

Entre os fios de ouro e bronze, que te cobrem como véu.
Ressalta o brilho âmbar do teu mar ressacado.
Dos lábios doces alucinantes que me põem estupefato.
Me arrasta como pena, me arranca as divisas, me deixa à deriva.
De capitão à tripulante.
Nesse oceano, sou barco errante.
Não estou mais no controle.
Sou nada além de simples batel.
Porém, tu, estrela guia, rompe a caligem do meu céu.
Sou neófito marinheiro, qual vento sem direção.
Teu sorriso, farol brilhante, dissipa minha escuridão.

Se foi

Mas, ele parecia tão bem
Não parecia sofrer como os outros
Tudo cheirava a verniz, tudo soava zen
Acho que tínhamos planos
Ele disse que viria aqui qualquer hora
Ele me disse que estava tudo bem
Mas, e agora?
Agora virou lembrança
Da mensagem não enviada
Da chamada não completada
Da verdade não dita
Restou a memória do dia em que não respondi direito
Do abraço que suprimi no peito
Da falta da palavra, do gesto, do olhar
De preguiça que sentia em demonstrar
Em dizer em falar
As fotos são apenas registros de luz e sombra
Quer analógicas, quer digitais
O que dói mesmo é não receber de novo o chato, longo e insistente áudio
Que nunca irei ouvir mais

Chorriso

Há um enigma nos lábios que se curvam,
um arcano que se oculta nas sombras do riso.
Escolher o brilho, travestir-se do alvorecer,
é um pacto silencioso com o abismo.
Protege-se a alma, escudo invisível,
um sorriso esculpido em paradoxos.
Há forças que habitam o riso forjado,
guardando aqueles que amamos no íntimo.
Na fenda entre a alegria e a dor,
reside o mistério do semblante sereno.
Aqueles que escolhem ficar bem,
trazem nos lábios o segredo da proteção de outrem.

Mais que ontem

Eu te amo mais que ontem
Porque ontem ainda não te conhecia
Não como hoje; contabilizado mais um dia
Ontem vi mais um dos teus sorrisos
Gozei mais um pouco da tua companhia
Eu te amo mais que ontem
Porque ontem você ainda não era você
Como vinho, melhor a cada ano
Me apaixono todo dia, pelo que descubro do teu ser
Eu te amo mais que ontem
Porque, tu e eu, envelhecemos
Por mais um dia que nos conhecemos
E para o resto da vida que inda quero te conhecer.

Casaco Fingido

Nasce o dia, dizem os sons pela janela,
mas dentro, o silêncio pesa em camadas de
sombra entranhada, onde a aurora fenece,
e a carne, ao recordar, se esfacela.
Não há "bom dia" a aquecer minha costela,
só o vazio onde teu rastro espreita,
espelho de um abraço que não se deita
e do perfume etéreo que minha pele revela.
Visto um sorriso, qual manto tecido,
feito de coragens que costuro sem crer,
desfilo solene em casaco fingido,
enquanto em cada passo há algo a doer.
A dor alucinante que queria, fosse tênue,
se esgueira, no entanto, sutil e voraz,
entre nervos e vértebras, grita em silêncio,
como quem ama e sente, mas nunca diz mais.

Rendido

Entreguei-te o âmago, verti cada gota,
Fiz de meu amor um altar, um poema,
Mas a luta solitária rasga e devora,
No espelho do agora, só resta o dilema.

Memórias protagonizam, um teatro cruel,
Onde os planos desfeitos bailam sem trégua.
O presente, gélido, rasga o véu,
E a alma, em prantos, na carne se revela.

Asfixia que nasce nas sombras do ser,
E perece nos gritos que a carne consome.
Desisto, não há mais como não me render,
Se o amor que ofertei não encontra mais um nome.

Abstinência

Ausência soa como ciência,
Mas é só o eco do nada.
Um experimento em carne viva,
Onde o sujeito é quem implora.

Abstinência é presença invertida,
É o toque que falta, mas dói.
É o silêncio que grita, a dor que salta,
Um vazio que consome, dependência que corrói.

Uma Hora

Uma hora, numa esquina qualquer, Teus olhos buscarão o que não souberam ver. E o vazio que não era meu Tomará lugar onde teu peito se perdeu. Do abraço não desejado, da mensagem esquecida, Do sorriso moldado na pressa da partida, Uma hora, o tempo, senhor das ironias, Devolverá o peso às memórias vazias. Quem deixou escorrer entre os dedos O que jamais voltará a ser inteiro, Verá na ausência que nunca suplica O vulto pálido na desídia rica. E a dor, que um dia habitou outro peito, Agora, fará morada em um novo sujeito. Pois o que não foi acolhido em sua mão, Uma hora, fluirá livre, isento de prisão.